



MANIFESTO TRAVESSIA

Glau Soares ¹.

Moçambique- Maputo, 2025

O que há de ser está em curso. O futuro olha para o passado e se move dentro do presente. O devir está em marcha. Assim como o Sankofa nos ensina, não há progresso sem memória. Escrevo com as mãos ainda trêmulas em razão de tudo que vivi para chegar até aqui, da necessidade de entender a minha história, dos racismos cotidianos, das mazelas e violências que nós pessoas negras enfrentamos. Sou Filha de onde o sol nasce apertado entre as telhas de zinco, onde o barulho dos ônibus, a agitação das ruas se mistura ao som das crianças e esse lugar compõe a primeira música que aprendi sobre o mundo. Cresci cercada por histórias que raramente seriam apresentadas num palco, entre rostos que quase nunca eram iluminados, vidas que o mundo preferia que passassem rápido, sem fazer barulho. Essa travessia é sobre arte e vida.

Descobri cedo o avesso desse mundo, e escolhi a arte, como ferramenta de emancipação. Insistiram em nos afastar de quem somos, reforçando assim a urgência da desobediência como forma de existir. E como a ancestralidade não mora no passado, hoje atravesso o Atlântico e chego ao Índico com um sentimento de gratidão que não cabe na alma. Entre ruas e vielas, becos e avenidas de Maputo-Moçambique, me vejo dentro da história, as placas que (ori)entam o caminho carregam nomes daquelas(es) que a compõe. Da esquina Emília Daússe com Amílcar

¹ Preparadora de elenco, atriz, coprodutora, arte educadora, pesquisadora e artista, com atuação marcada pela valorização de perspectivas negras no audiovisual e nas artes cênicas. Pesquisadora pela Universidade de Brasília (UnB), desenvolve a investigação intitulada A preparação de elenco negra-referenciada para atuação de atrizes negras no audiovisual (2025). Em sua graduação, também na UnB, realizou a pesquisa Currículo e questões étnico-raciais nos cursos de artes cênicas da UnB: problemáticas, desafios e perspectivas. Foi homenageada em 2023 pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal (FAC), na categoria Cultura Mulher, e premiada em 2017 pela mesma instituição na categoria Audiovisual. Universidade de Brasília. Contato: glaufsoares33@gmail.com.



Cabral, início o ponto de partida. Caminho. Os nomes das ruas indicam: Avenida Patrice Lumumba, Eduardo Mondlane, da encruza da 25 de setembro com a avenida Guerra Popular na Baixa da Cidade de Maputo. Ah Moçambique, seus 50 anos de independência conta tanta história e eu desejo que sua maior idade continue transcendendo sua essência, com seus batuques que pedem movimento, com as línguas locais (maternas) que dançam na boca das pessoas, com suas capulanas que marcam sua estética com as suas cores, que me reconhece e me acolhe. Ainda que eu mesma não me reconheça inteira nem de lá nem de cá, encontro-me em nós. Caminho.

No mercado *Farjado*, alimento-me da *badia* e do pão, e em cada detalhe reconheço gestos antigos que atravessam o tempo e se reencarnam no agora. Entre olhares, cores e vozes, percebo que as fronteiras que vão se desfazendo aos poucos: nesse entre-lugar, onde o corpo sente antes de entender, aprendo que pertencer talvez seja isso; seguir em travessia, acolhendo os rastros que o tempo deixou em nós. É nesse gesto de caminhar e reconhecer que essa escrita se anuncia como extensão da memória, como tentativa de costurar o que parecia disperso. As artes, especialmente a do discurso e da imagem, seja ela nos palcos, nas ruas e/ou nas telas, emerge aqui como um território de escuta e encontro, onde os corpos não apenas representam, mas denunciam e re-existem as estruturas de opressão, de tentativa de apagamentos das identidades, de silenciamento da cultura, de novas formas de colonizar. Com isso, cada movimento é uma pedagogia do sensível e do confronto, cada voz carrega o eco de muitas outras que foram silenciadas. Nas práticas cênicas percebo a possibilidade de educar sem separar o saber, do sentir, de afirmar uma ancestralidade que não está apenas no passado, mas pulsa no presente como força política e coletiva. É a *Associação Cultural da Casa Velha*, nessa sinergia que empresta o palco para o espetáculo, *Xisute* que traz em sua sinopse o seguinte trecho:

Em *Xisute*, o corpo feminino evoca sua ancestralidade dançando a sensualidade como potência vital e não como objeto de exploração. Entre ondulações e gestos interrompidos, a coreografia expõe cicatrizes de abusos, dor da violência e silêncios do feminicídio e transforma cada



movimento em resistência. Venha ver como a cintura antes controlada, ergue-se como testemunho de dignidade.

Ainda necessitamos usar a arte como ferramenta de denúncia porque, nossos corpos violados, morrem em todo o mundo. Apesar da dor, continuaremos nos movendo para transformar nossas realidades. *Xisute*, se apresenta para mim e para tantas mulheres como grito de libertação de nossos corpos de nossas vidas, e de nossas coroas.

E assim caminho usufruindo de tanta arte e movências em sua rota. Me alimento. Através da matapa, da xima, do Caril de amendoim, do frango a zambeziana, das macumbas panadas, das danças tradicionais como a marrabenta, o Tofu, mapiko, das línguas maternas como changana, rongá. Me alimento. Dos rituais, das curandeirices desse território que extrapola criatividade. Me alimento, dos sorrisos-gargalhados, das almas encantadas das encantarias que ele me faz sentir, dos aprendizados que vão para além do academicismo. Mesmo quando percebo a desestrutura social de um país que foi colonizado, mas que o povo busca se erguer a todo tempo, encontro motivos para celebrar. Das belezas e riquezas naturais que o olhar alcança, dos artesanatos moldados na madeira preta, das travessias que me levam ao Katembe; da Mafalala que pulsa, de Machaquene e Malhangalene que dançam no tempo, de Chamanculo e Xipamanine que guardam memórias, de Ponta d'Ouro, Machangulo, da Ilha da Inhaca e da Ilha dos Elefantes. Me alimento. E é desse alimento que nasce orgulho de pertencer, de ser reconhecida como parte viva desse território. “Ganhando”, também, província e povo da Zambézia, carrego comigo a sensação ancestral de ser quelimanense. E sorrio, porque sei: tenho raiz.

Ainda que o amargo da vida social aqui também me sacode. Sacode-me ver o que falta para uma parcela da comunidade moçambicana e do quanto falta um olhar do estado para um país que é vasto em riquezas e tradição. Observo que o processo da colonialidade segue em curso, disfarçado de aliado, operando como um capitão do mato, devastando corpos, terras e sonhos, criando novas formas de opressão e dismantelo. Há ainda muito choro, há dor que se entranha na pele e me lembra, a cada instante, esse corpo de pele preta que habita uma história de espólios e resistências.



E é nesse território entre o amargo e o doce que me reconheço como ensaísta do meu tempo, trazendo as gestualidades da cena como poesia e denúncia, e é o corpo que fala quando o silêncio se impõe. Nas frestas do cotidiano, a arte da cena torna-se abrigo e levante; lugar onde o corpo negro, em cena, recusa a servidão e encena o porvir. Assim mesmo, quando a vulnerabilidade e as ausências sociais-políticas insistem, sigo acreditando na força ancestral que move o povo moçambicano, essa força que canta, dança e cria, mesmo quando o chão é árido. Pois há uma sabedoria antiga que nos ensina: onde opressor planta deserto, o corpo negro semeia vida. Ainda que haja pouco ou quase nada para comer nessa desestrutura social é impossível sair vazia desse país.